

---

## IDENTIDADE, MÍDIA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS: O CASO DO PERSONAGEM LUCA

Vanessa Nogueira Maia de Sousa<sup>1</sup>  
Daniele Ribeiro Fortuna<sup>2</sup>

**Período de recebimento dos textos:** 01/02/2014 a 30/03/2014.

**Data de aceite:** 30/04/2014.

**Resumo:** Este artigo busca analisar como um produto midiático pode influenciar na formação das identidades. Para tanto, traz como estudo de caso histórias em quadrinhos que apresentam o personagem Luca, um menino cadeirante que foi incorporado aos gibis da Turma da Mônica a partir de 2004. Discute ainda a formação das identidades na Contemporaneidade, tomando como base teórica Hall (2010), Bauman (2005) e Canclini (2010).

**Palavras-chave:** Identidade; Mídia; História em quadrinhos; Turma da Mônica; Deficiência física.

**Abstract:** This article aims to analyse how a media product can influence in forging identities. Therefore, it presents as a case study comics that has as part of its role the character Luca, a wheelchair user that was incorporate to Turma da Mônica's comic books in 2004. It also discusses the identities formation in Contemporaneity, taking as a theoretical base Hall (2010), Bauman (2005) and Canclini (2010).

**Keywords:** Identity; Media; Comics; Turma da Mônica; Physical disability.

---

<sup>1</sup> Publicitária, mestre em Letras e Ciências Humanas (Universidade Unigranrio)

<sup>2</sup> Jornalista, mestre e doutora em Letras (UERJ), Pós-Doutora em Comunicação Social (UERJ), professora do programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio. Bolsista de produtividade em pesquisa 1A Unigranrio / Funadesp.

## **Introdução**

Cada vez mais, a questão da identidade torna-se alvo de debates. Refletir sua importância no cenário acadêmico, social e cultural torna-se essencial, pois há a necessidade de se analisar a evolução desta identidade em um contexto histórico, como faz Stuart Hall (2010). Hoje, na Contemporaneidade, considera-se que a identidade é fluida e não estagnada.

Vários fatores influenciam na formação da identidade. Entre eles, um dos principais é a mídia. O receptor não é mais considerado em posição de passividade, pois há muito já se considera que ele tem poder de escolha, de decisão. E a mídia, ciente deste poder, busca constantemente aumentar seu espaço de atuação. Dessa forma, a mídia procura entender as identidades que surgem das demandas sociais; da voz do indivíduo.

Nesse sentido, este artigo busca analisar como um produto midiático pode influenciar na formação das identidades. Para tanto, traz como estudo de caso histórias em quadrinhos que apresentam o personagem Luca, da Turma da Mônica, um menino cadeirante que foi incorporado aos gibis a partir de 2004.

Antes de empreender tal análise, porém, faz-se necessário discutir mais a fundo a questão da identidade atualmente e sua relação com a formação do sujeito.

## **A identidade na Contemporaneidade**

As antigas identidades, segundo Hall (2010), que por muito tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo contemporâneo, até então visto como um sujeito unificado, e não suscetível a transformações.

Hall (2010) percebe a identidade através de três tipos de sujeitos. A primeira identidade pertence ao *Sujeito do Iluminismo*, que se baseava na idealização de um ser centrado, unificado, voltado à razão, consciência e

ação. Sua essência central emerge pela primeira vez no momento do nascimento deste sujeito e com ele se desenvolvia, ainda que, essencialmente, permanecesse o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência deste indivíduo. O centro essencial do *eu* era a identidade de uma pessoa.

A segunda identidade retratada por Hall (2010, p. 11) é a do *Sujeito Sociológico*, que, conforme considera o autor, tem a identidade formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda possui um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, porém este é projetado e alterado a partir do contato com outras culturas e as identidades que estas lhe proporcionam. Esta identidade tem a sua característica própria formada no momento da interação entre o *eu* e a sociedade. O sujeito mantém uma essência - o “eu real” -, porém este núcleo sofre alterações a partir do contato que este sujeito tem com outras culturas e outras particularidades.

O autor ainda afirma que o sujeito, de uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, apresentando não apenas uma, mas várias identidades, algumas delas contraditórias ou não resolvidas. Este processo produz, segundo Hall (2010, p. 12), o *Sujeito pós-moderno*, caracterizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se móvel, ganha fluidez. O autor salienta que a identidade não é definida de modo histórico, nem mesmo de forma biológica. O sujeito assume identidades diferentes de acordo com os diversos momentos e experiências vividos. Nesse sentido, a identidade deixa de ser unificada, coerente, completa e segura.

Para Hall (2010), a maior diferença entre a sociedade moderna e a sociedade tradicional é a mudança constante, rápida e permanente. Hall acredita que a sociedade não é imutável, delimitada, e que pode se modificar segundo as mudanças e evoluções que esta mesma sociedade produziria.

De acordo com o autor, as sociedades atualmente são caracterizadas pela diferença. São influenciadas por diferentes divisões e antagonismos sociais, produzindo, assim, expressiva variedade de identidades para os sujeitos. Esta pluralidade identitária é parte de um processo histórico, econômico e social. O multiculturalismo e a globalização são alguns dos fatores que implicaram este deslocamento do sujeito:

[...] o deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e o que ele chama de recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação (LACLAU, 1990 apud HALL, 2010.).

Nesse sentido, discutir a questão da identidade passa ainda, inevitavelmente, pela multiculturalidade. Canclini (2009) afirma que a multiculturalidade abre espaço para uma nova demanda; a disponibilidade da aceitação do “diferente”. O contato com diversas culturas faz com que as diferenças se estabeleçam de forma que haja, por meio de negociação, conflitos e troca mútua, a concordância a partir da heterogeneidade das identidades. Questões como o local, o nacional e o transnacional, bem como a relação entre o consumo e o território, passam a ditar um novo sentido aos bens e mensagens.

Cabe ressaltar que a multiculturalidade, em alguns países – principalmente os da América Latina -, passou a ser considerada como fator facilitador da assimilação da grande pluralidade identitária. O sujeito oriundo da sociedade globalizada procura reconhecer-se com outros indivíduos com os quais se identifica, tendo a língua como um agente facilitador. Busca por meios de comunicação que o represente e procura a associação entre seus pares.

Canclini enfatiza que:

Conhecer nossa alteridade reprimida, admitir o que nos é inaceitavelmente próprio e que desafogamos no migrante, no diferente ou no transgressor – isto pode servir para libertar as forças libidinais positivas e as convergências culturais que nos aproximam dos outros. Pode tornar visíveis as semelhanças e talvez nos integrar apesar das diferenças. Talvez nos habite a passos da exclusão à conexão; à intercomunicação. Finalmente, ao se reconhecerem as diferenças como construídas, é possível desfazê-las ou modifica-las. Não são fatais (CANCLINI, 2009, p. 266).

A citação do referido autor deixa clara a necessidade de se sinalizar as diferenças, as exclusões, o que separa o “diferente” dos demais sujeitos integrantes de uma mesma sociedade. Assim como considera Bhabha (1998), os lugares onde estas diferenças são percebidas é que irão fornecer os subsídios necessários para a criação de estratégias no campo subjetivo - particularmente ou coletivamente –, a fim de que se iniciem novos signos identitários e novas fontes de colaboração e contestação, na esfera da definição da ideia de sociedade.

O objetivo deste artigo não é adentrar na discussão sobre as crises sociais causadas pelas diferenças culturais, mas sinalizar que é a partir destas diferenças culturais e sociais que emergem as questões voltadas às minorias. Segundo Michel de Certeau (2005, p. 9), nenhuma ação social ou política, que esteja alicerçada no plano real, pode se estabelecer segundo uma “deficiência de pensamento ou se alimentar do desprezo do próximo”.

Assim como Spivak, De Certeau acredita que, para que a cultura se conecte com o subalterno, não basta que este faça parte dos processos sociais, é necessário que estes processos reproduzam algum significado ou relevância para este indivíduo. De Certeau (2005, p. 148) ratifica que “o sentimento de ser diferente está ligado à designação dessa diferença pelos outros...”.

Segundo Zygmunt Bauman (2005), o processo de busca de uma identidade por uma pessoa tornou-se tarefa árdua – o autor cita até mesmo a expressão “impossível”. Bauman traz à tona a questão da comunidade. De

acordo com o autor, as comunidades podem ser de dois tipos: as comunidades de vida e destino, cujos membros vivem ligados de maneira irrestrita; e a outra comunidade é baseada unicamente por ideias e tem como fundamento a variedade de princípios.

Este segundo tipo de comunidade abre brecha para a discussão da questão da identidade, a partir da exposição policultural, das múltiplas ideias e diversidades. Esta amplitude de possibilidades faz com que os indivíduos desta comunidade busquem uma conciliação, uma unidade a fim de haver a noção de pertencimento.

Ainda para Bauman (2005), este pertencimento e esta identidade são, cada vez mais, fluidos e “líquidos”. A Contemporaneidade sela esta maleabilidade identitária do sujeito, sendo esta negociável, revogável e resultante das próprias decisões, ações e determinações do indivíduo.

A identidade, de acordo com Bauman (2005, p. 21), é apresentada como algo que necessite ser inventado, e não descoberto; sendo fruto de um esforço e um objetivo específico; como algo desconhecido que demande a construção em sua origem ou então optar por alternativas e firmar e reafirmar esta identidade.

Sob esta ótica, para Canclini (2010, p.14), é necessário que haja o entendimento da transição das identidades “clássicas” (nações, classes, etnias), que outrora limitavam e restringiam a dinâmica social, econômica e política, às novas estruturas globais, que passam a gerir de maneira distinta os interesses e desejos.

Tais estruturas globais estão intimamente relacionadas com a mídia. Programas de televisão, filmes, telenovelas, revistas, histórias em quadrinhos e até peças publicitárias são capazes de influenciar o comportamento, o estilo de vida, a maneira de pensar e agir, a identidade, enfim.

Nesse sentido, cabe analisar como se dá tal influência. Para tanto, este artigo apresenta o personagem Luca, da Turma da Mônica.

### **Estudo de Caso – Luca**

Assim como a maior parte dos personagens da Turma, *Luca* tem sete anos, é paraplégico e se mudou há pouco tempo, junto com seus pais, para o bairro Limoeiro. *Luca* tem dois apelidos que lhe foram dados por Maurício de Sousa. O primeiro é “Da Roda” – pois anda em cadeira de rodas – e o segundo é “Paralaminha”, uma homenagem a Herbert Vianna.

Sua primeira aparição foi na edição Nº 222 de dezembro de 2004 da Turma da Mônica. Detalhes como as marcas dos pneus da cadeira de rodas no gramado, as barras de apoio no banheiro, a pia, a cesta de basquete e o espelho que é instalado na altura correta para *Luca*, são mostrados nas revistas com naturalidade.

Para criar o personagem, segundo dados do site da Turma, Maurício de Sousa se inspirou em atletas paralímpicos do Brasil. De acordo com o site, o criador da Turma da Mônica se surpreendeu com a autoestima dos atletas, com a confiança que o esporte pode proporcionar a uma pessoa com deficiência.

Dessa forma, o personagem Luca nasce da observação de seu autor da vida real. Segundo Eisner, (2010, p.104), “na arte dos quadrinhos, o artista deve desenhar com base nas suas observações pessoais e no inventário de gestos comuns e compreensíveis para o leitor”. Ainda de acordo com o autor, a forma humana e a linguagem de seus movimentos corporais tornam-se os ingredientes essenciais dos quadrinhos.

Conforme ilustra a imagem<sup>3</sup> abaixo, *Luca* é surpreendido por degraus e mostra-se preocupado. Então, Anjinho<sup>4</sup> vem ao seu socorro e, no

---

<sup>3</sup> Fonte: [www.monica.com.br](http://www.monica.com.br)

lugar dos degraus, coloca uma rampa para que o *Da Roda* possa entrar. Esta tirinha ilustra a necessidade de uma problematização desta “realidade” de *Luca*. O que ocorre no dia a dia da pessoa com deficiência física é algo totalmente oposto. Nem sempre aparece alguém para ajudar, e muito menos há uma solução mágica para resolver os problemas e percalços enfrentados pelos cadeirantes. Além do preconceito, da falta de informação por parte da população, a escassez de ações governamentais que auxiliem a real inclusão destas pessoas no seio da sociedade vai muito além da realidade ilustrada por Maurício de Sousa.

Nas histórias da Turma da Mônica, o personagem dispõe de efeitos tecnológicos, já que sua cadeira de rodas permite que ele faça qualquer tipo de esforço, como transportar peso; há mãos biônicas que saem das alças da cadeira e podem agarrar o que quiserem.



### “Acessibilidade”

Primeiramente, será analisada a HQ “Acessibilidade”, uma edição especial, sem fins lucrativos, criada em 2006, em parceria com o CONADE (Conselho Nacional da Pessoa Portadora de Deficiência) e com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Governo Federal. Esta edição especial foi publicada pelo Instituto Cultural Maurício de Sousa.

---

<sup>4</sup> Anjinho é o anjo da guarda da Turma da Mônica; está sempre pronto para evitar algum acidente.



A escolha por esta edição se dá pela abordagem didática acerca da deficiência. A exposição do tema, as limitações do personagem – sendo *Luca* um menino cadeirante -, a questão do preconceito e outras problematizações, não costumam ser abordadas nas histórias da Turma da Mônica em edições regulares, com distribuição comercial.

Vale ressaltar o fato de que a revista em questão foi encomendada pelo Senado Federal, para conscientizar e levar a informação sobre a acessibilidade e a deficiência para as crianças. Esta história está disponibilizada na *homepage* da Turma da Mônica. Qualquer pessoa pode acessar o site e baixar o conteúdo gratuitamente.

A história “Acessibilidade” pode ser contextualizada da seguinte forma: os pais de *Luca* decidem mudar de bairro e escolhem o Limoeiro, cenário onde vivem os personagens da Turma da Mônica. Ao se mudarem para lá, *Luca* e seus pais enfrentam novos desafios, como a questão do acesso à escola. *Luca*, por ser independente e muito ativo, passa por grandes dificuldades em seu primeiro dia de aula no novo colégio. Ele precisou da ajuda de outros colegas para realizar tarefas que até então, para ele, eram simples.

Por lei, as escolas e estabelecimentos públicos devem adaptar suas edificações a fim de permitir a acessibilidade de todas as pessoas com deficiência. A lei 10.098 de 2000 garante a acessibilidade de pessoas com deficiência ou pessoas com baixa mobilidade.

A definição do termo acessibilidade envolve a conjunção dos aspectos físicos (o direito garantido de ir e vir), mas também os aspectos vinculados às relações humanas e sociais. A lei 10.098<sup>5</sup> de 2000 define acessibilidade como a “possibilidade e condição de alcance para utilização com segurança e autonomia dos espaços, mobiliários e equipamentos

---

<sup>5</sup> Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm)

urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida”.

Os pais de *Luca* decidem procurar a direção da escola para sugerirem melhorias que atendam às necessidades de *Luca* e de outras crianças com necessidades educacionais especiais, como Dorinha que é cega; Humberto que é surdo; André, que é autista; entre outros. A escola, de ensino regular, então, passa a adaptar-se para o acesso dos alunos com deficiência.

É importante salientar que os outros pais de alunos que também possuem algum tipo de deficiência física só vão à procura das adaptações necessárias para a acessibilidade de seus filhos, quando os pais de *Luca* decidem procurar a diretoria da escola.

Neste sentido, a fala do “subalterno”, da minoria, só ganha vez quando há a união de sujeitos que estejam inseridos no mesmo problema. Assim como ocorreu na escola de *Luca*, há a necessidade do engajamento das pessoas que passem pela mesma problemática. Antes de sua escola passar pelas adaptações, *Luca* relata de maneira emocionada para a turma: “bem que eu tentei ser ouvido, mas não consegui...” (ACESSIBILIDADE, 2006, p. 8)

Spivak (2010, p. 12) define o termo *subalterno* como “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.” A autora ressalta algo importante: a fala do subalterno é sempre intermediada por outro indivíduo, um agenciador. No bojo desta discussão, vale salientar a importância de se trazer um menino cadeirante representando as milhares de pessoas com deficiência física no país. Sentir-se aceito, incluído e representado na mídia pode ser o início da assimilação da deficiência, que

no nosso país significa diferença. E considerando a falta de informação sobre o assunto, alarga-se consideravelmente a faixa do preconceito, da indiferença.

Esta representação da deficiência física deveria ser realizada de maneira mais realista possível, já que muitos são os que, de alguma maneira, se veem refletidos no personagem *Luca*. A vitimização da deficiência ou a descrição de um panorama em que as situações difíceis são sempre resolvidas rapidamente, sem percalços. Tal representação em nada contribui para elucidar questões como o preconceito à pessoa com deficiência. Há muitas barreiras que o deficiente precisa transpor. A sua realidade transcende a realidade ficcional de Maurício de Sousa.

Outra problemática a ser discutida: nos gibis de circulação regular, o personagem *Luca* não enfrenta nenhum tipo de obstáculo, dificuldades na sua locomoção nem mesmo o preconceito por parte de seus colegas. Na revistinha “Acessibilidade”, já se pode notar que esta realidade é exposta, ou seja, *Luca* enfrenta, sim, dificuldades no acesso à escola, à sala de aula, enfim, às dependências do colégio e ao bairro num todo.

É preciso salientar também que a revista foi encomendada pelo Senado Federal, ou seja, foi algo pensado e planejado para um evento de cunho social, sim, mas também fundamentalmente político. O teor da mensagem contida em “Acessibilidade” não é equiparável às mensagens de *Luca* trazidas em outras HQs da Turma da Mônica – que são de circulação regular.

Embora, como já citado, Eisner (2010) defenda a ideia de que o quadrinista pode criar os corpos, seus movimentos e sua realidade ficcional, ao representar a deficiência física, *Luca* está representando a expectativa de tantas outras pessoas para se reconhecerem nele. Nos quadrinhos, não há compromisso em reproduzir o real, mas sim criar um mundo particular, de muitas possibilidades. É importante destacar que, nesta história em questão,

o público infanto-juvenil que também tem alguma deficiência, irá se identificar de forma mais rápida com o personagem.

Maurício de Sousa, em entrevista para o livro *Mídia e deficiência* (VIVARTA, 2003, p. 95), já deixou claro que todos seus personagens possuem alguma característica peculiar. Todos são abertos às novidades (exceto Cascão que se recusa a tomar banho), como as que ocorreram com Mônica, que está menos ranzinza e tem nutrido uma paixão platônica por *Luca*. Além disso, o apetite sempre presente da Magali; a troca da letra “R” pela letra “L” – o que faz Cebolinha falar de forma diferente dos demais.

São identidades plurais. Talvez seja por isso que as crianças do bairro Limoeiro não se espantam quando chega algum personagem novo. Eles reagem de forma natural às diferenças. No fim desta história, Mônica e sua turma falam do que é ser diferente. Nota-se que as crianças aceitam bem a chegada destes novos colegas ao bairro e à escola.

O que se pode apreender desta “normalidade” na aceitação do diferente por parte das crianças do bairro é antagônica ao que se percebe no “mundo real”. Há todo um discurso implícito no que diz respeito à inclusão destes personagens, mas nas próprias histórias de Mônica e sua turma, percebe-se, claramente, o uso de termos pejorativos que incomodam, como por exemplo, os que recebem a protagonista das HQs. Mônica é rotulada como baixinha, dentuça, gorducha, entre outros “apelidos”. O mesmo acontece com *Luca*: seu apelido é *Da Roda*, uma alusão ao fato de precisar se locomover com o auxílio de cadeira de rodas. Este termo é colocado em evidência em detrimento de outras características que também poderiam ser marcas de sua identidade, além do fato do personagem ser cadeirante.

Stuart Hall (2010, p. 17), argumenta que as identidades na Contemporaneidade são marcadas pela diferença. As influências advindas dos antagonismos sociais produzem a variedade de identidades para os indivíduos. A figura de *Luca*, representando a identidade de um menino

cadeirante, é apenas mais uma das identidades que têm sido trazidas à tona nas HQ's de Maurício de Sousa.

A exploração do tema nesta edição especial é feita de forma didática, elucidativa, e voltada para as crianças. A linguagem busca, a todo o momento, não distanciar-se da realidade do seu público-alvo. É uma comunicação simples, dinâmica e leve, cujo objetivo parece ser alcançar seus leitores.

A história acessibilidade é narrada por *Luca* termina com a escola completamente adaptada, com os alunos com necessidades educacionais especiais felizes e com a turma interagindo, trazendo para o leitor os conceitos de forma simples e clara.

### **“Cadeira envenenada e turbinada”**

O almanaque temático da Turma da Mônica, da edição de Nº 20, de outubro de 2011, traz o tema “Amigos especiais”, que compila as melhores histórias dos personagens com deficiência física, selecionadas por Maurício de Sousa. Neste almanaque, a história de Cebolinha e Cascão, em “Cadeira envenenada e turbinada”, obtém destaque, porque traz a problemática aqui já evidenciada. Com a intervenção do criativo e cientista Franjinha, *Luca* ganha uma cadeira de rodas especial, com efeitos que só poderiam existir mesmo nas HQ's de Maurício de Sousa.

Nesta história, Cebolinha e Cascão estão em busca de um plano infalível para pegarem Sansão – coelho da Mônica -, e veem em *Luca* a saída para seus planos darem certo. Alvo da simpatia de Mônica, *Luca* passa, nesta história, uma imagem de um menino ingênuo, alheio às reais intenções de Cascão e Cebolinha. E ao perceber que os dois estão tramando contra Mônica, *Luca* chega a mostrar irritação. Mas é lembrado por Cebolinha que ele não tem do que reclamar, afinal, ganhou uma cadeira de rodas “envenenada”. E a dupla usa a cadeira de *Luca* para fugir de Mônica,

mas mesmo com os superefeitos da cadeira “envenenada”, acabam tendo seus planos fracassados, já que Mônica consegue seu coelho de volta.

Neste caso, há uma exemplificação da possível vitimização do deficiente. *Luca* é ingênuo, “boa praça”, e como tal, precisa sempre da ajuda de seus colegas. A questão aqui ressaltada é que a acessibilidade, ou seja, o acesso, não é o mesmo que ajuda. Igualdade tampouco significa paternalismo.

Esta vitimização é justamente o que o criador da Turma da Mônica não deseja que aconteça. Ainda sobre a entrevista para o livro *Mídia e deficiência* (VIVARTA, 2003, p. 95), o cartunista fala que a mensagem que ele quer passar é a de uma infância feliz, sadia, repleta de possibilidades.

A dicotomia ficção/realidade é ponto chave para que seja possível elucidar a questão do leitor. Como este leitor lida com a figura de um menino em uma cadeira de rodas; como é transmitida a noção da deficiência e suas implicações na rotina do *Luca*, de sua família e dos que o cercam?

Na história em questão, é possível compreender a ideia de que no bairro do Limoeiro tudo é possível. A cadeira de rodas de *Luca* agora pode realizar ações que nem mesmo seus amigos conseguiriam. É uma verdadeira máquina construída por Franjinha – o cientista da turma. Nas tirinhas, percebe-se que o menino *Da Roda* não sabe muito bem como operar esta máquina. Por suas expressões faciais e físicas, é possível notar que ele está com certo receio de conduzir esta cadeira “turbinada e envenenada”.

Ao criar um personagem cadeirante, Maurício de Sousa imprime uma característica que é comum às pessoas com deficiência física: ter na cadeira de rodas a extensão de seu próprio corpo. A tecnologia, que propicia avanços na área da deficiência física, traz novas perspectivas para o deficiente, mas é importante salientar que este avanço não está ao alcance de todos. Assim como, num piscar de olhos, o personagem Franjinha construiu

uma cadeira repleta de funções inimagináveis, na vida real, uma cadeira de rodas moderna, não está acessível a todos aos que dela precisam.

Para o cadeirante, a cadeira de rodas é um objeto que se torna a extensão de seu corpo. Nesta perspectiva, Ribas afirma que:

Os equipamentos usados pelas pessoas com deficiência têm vários significados positivos. São a extensão do próprio corpo, a mediação com o mundo, o recurso que leva ao contato com outras pessoas, o meio que possibilita a convivência e a interação. As cadeiras de rodas nos levam para estudar, para trabalhar [...]. Trata-se de equipamentos que têm o real compromisso de serem os promotores da nossa independência e autonomia. (RIBAS, 2011, p. 73)

Novo corpo, nova identidade. A partir da análise de Ribas (2011), é possível conectar corpo, identidade e a deficiência física. Ribas (2011, p. 42) traz um questionamento que deve ser mencionado: a deficiência física, para algumas pessoas, pode ser um elemento-chave no processo de construção de sua essência como sujeito. Para a pessoa que é surda, o elemento surdez pode ser fator determinante na construção de seu perfil identitário. Como já visto anteriormente, a identidade norteia a evolução da estratificação social, cultural e econômica.

Em relação ao início da história, é preciso enfatizar a parte em que Cebolinha fala com Franjinha sobre a cadeira de *Luca* (lembrando que a cadeira é parte fundamental da sua identidade como cadeirante) e *Luca* o interrompe, com postura firme e decidida: - “Da Roda, por favor”. O que Cebolinha, com a ajuda de Cascão, queria era que o cientista criasse uma cadeira capaz de salvá-los da Mônica. Ou seja, a postura de *Luca*, de se posicionar frente ao desprezo que Franjinha e Cebolinha demonstraram por ele fica evidente: o menino estava na sala, estavam falando dele, decidindo sobre sua cadeira de rodas por ele e ainda assim o ignoravam, como se ele ali não estivesse. Cascão e Cebolinha pareciam menos querer proporcionar

melhores condições de acessibilidade ao *Luca* através desta cadeira, do que usar o *Da Roda* como mais um plano contra Mônica.

A narrativa parece trazer uma abordagem compensatória, ou seja, quando *Da Roda* foi reclamar com Cascão e Cebolinha que ele estava, sem saber, incluído no plano para pegar o coelho da Mônica, os dois logo o lembraram que *Luca* ganhara com isso uma cadeira nova. O menino concorda, e agradece aos mais novos amigos do bairro.

Assim, é possível perceber que não é apenas o fato de a cadeira de rodas ser nova, e com super funções tecnológicas que leva *Luca* a não reclamar mais, mas sim a questão de ser aceito pelos amigos, conforme consta no último quadro da história, em que os três aparecem amarrados e Mônica e Franjinha conversam sobre a amizade de *Da Roda*, Cascão e Cebolinha. Enfim, *Paralaminha* teve seu destaque para seus amigos do bairro, ele foi útil, foi solícito e fica nítido seu contentamento nesta história.

### **Considerações finais**

Estudar a diferença implica refletir sobre a questão da identidade. Como considera Hall (2010), o sujeito contemporâneo torna-se cada vez mais fragmentado, apresentando não apenas uma, mas várias identidades. Algumas delas, como foi possível verificar na análise de caso do *Luca*, são contraditórias e não resolvidas.

A identidade na Contemporaneidade é móvel. Sem fixidez, essencial ou permanente, esta torna-se maleável e ganha fluidez. Por meio as análises apreendidas em Hall (2010, p. 12), verifica-se que a identidade não é definida de modo histórico, nem mesmo de forma biológica. O sujeito assume identidades diferentes de acordo com os diversos momentos e experiências vividos. Nesse sentido, a identidade deixa de ser unificada, coerente, completa e segura.



No estudo de caso realizado neste artigo, foi possível perceber que o conteúdo discursivo muda de acordo com a distribuição dos quadrinhos. Na revista “Acessibilidade”, sem o apelo comercial, a linguagem se dá de maneira mais preocupada com o entendimento do público infanto-juvenil, que é o público-alvo da Turma da Mônica. Além disso, o tempo entre um quadrinho e outro é mais extenso, pode ser mais demorado, mais explicativo, com uma história mais longa, mais detalhada.

No que diz respeito à configuração da identidade do personagem *Luca*, este se mostra surpreso em ter que passar por obstáculos que para ele são novos, visto que se mudou com os pais para o bairro do Limoeiro. Porém, mesmo hesitante, pede ajuda à Mônica. Enquanto isto ocorre, sua personalidade linguística muda, chamando Mônica de “Moniquinha”, “Amiga” etc. O personagem está em posição de dependência, de fragilidade.

*Luca* é uma criança paraplégica, mas totalmente ativa, praticante de esportes como natação e basquete e com uma beleza que chama a atenção das meninas do bairro, principalmente de Mônica. Algumas características físicas, emocionais e psicológicas são dadas para *Luca* para caracterizá-lo, para demarcar sua personalidade e assim salientar estes predicados para, então, não enaltecer ou priorizar a questão da deficiência como fator principal para a construção de sua identidade. Nesta história, *Luca* é mais dependente, mais humanizado e inserido no contexto da deficiência.

Em relação à “Cadeira envenenada”, é possível perceber uma vitimização do personagem e ainda que sua cadeira de rodas tornou-se referencial na demarcação de sua identidade. Na verdade, a história gira em torno do aparato, o que implica não apenas o interesse dos outros por Luca, mas que ele parece ter certas vantagens que os outros não têm.

Dessa maneira, é possível que o público leitor de ambas as revistas encontre elementos para refletir sobre a identidade do cadeirante e, ainda, que o próprio cadeirante se veja – ou não – retratado nas páginas da revista.

O personagem pode ser visto como vítima, alguém ‘especial’, que merece atenção diferenciada. Como possui vários atributos físicos e pessoais, é possível também que o leitor o identifique das seguintes formas: ‘apesar de cadeirante, é bonito’ ou ‘ser cadeirante é apenas mais uma característica do personagem’. Os não cadeirantes podem ainda considerar que a vida de um deficiente físico talvez não seja tão difícil quanto parece, já que a rotina de Luca é retratada de forma leve, mesmo em “Acessibilidade”. Os cadeirantes, por sua vez, podem não se identificar com o gibi, julgando que as histórias não os representam.

Por fim, cabe ressaltar que um produto midiático pode exercer influência sobre seu público-alvo, contribuindo para o surgimento de tendências de consumo, de comportamento, de pensamento, de práticas sociais e, portanto, de identidades.

### **Referências**

ACESSIBILIDADE. **Revista de edição especial**. Disponível em <<http://turmadamonica.uol.com.br/institut/acessibilidade/capa.htm>>. Acesso em: 23 jun 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

**Constituição da República Federativa do Brasil DE 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/.htm)>. Acesso em: 28 fev 2014.

DE CERTEAU, M. **A cultura no plural**. São Paulo: Editora Papirus, 2005.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do legendário cartunista. Tradução de Luís Carlos Borges e Alexandre Boide. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Editora DP&A, 2010.

RIBAS, João. **Preconceito contra as pessoas com deficiência**: as relações que travamos com o mundo. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Preconceitos; volume 4).

SPIVAK, Gayatrihakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIVARTA, Veet (Org.). **Mídia e deficiência**. Série diversidades. Brasília: Andi, Fundação Banco do Brasil: 2003.

TURMA DA MÔNICA. Disponível em: <  
<http://turmadamonica.uol.com.br/>>. Acesso desde jun 2012.